

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde
Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva

JÉSSICA RODRIGUES CORREIA E SÁ

Ciranda na Rua: Uma Proposta que surge de inspirações

Porto Alegre

2016

JÉSSICA RODRIGUES CORREIA E SÁ

Ciranda na Rua: Uma Proposta que surge de inspirações

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Saúde Mental Coletiva- Modalidade Residência da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Saúde Mental Coletiva.

Orientadora:

Júlia Dutra de Carvalho

Porto Alegre

2016

AGRADECIMENTOS

À Jaciara, minha mãe, que fez o possível para educar uma pessoa forte, determinada e confiante, respeitando minhas escolhas, acreditando em meus sonhos e soltando minha mão para que eu viesse atrás deles.

Aos meus irmãos, Cinthya e Cleiton que mesmo distante participaram das minhas aventuras, descobertas e criações nesses dois anos de Saudade.

A minha sobrinha, Maria Carolina, que me fortalece a cada dia com seus sorrisos.

Ao meu pai, Cleto Correia, que me deu o dom de conseguir brincar e sorrir mesmo nas situações difíceis.

A minha guerreira vovó Yolanda, minha fonte de admiração que todos os dias ora pela minha proteção.

À toda minha família e amigos que depositaram confiança na minha Luta e vibraram para que eu alcançasse chegar aqui.

À Jaqueline Perrelli, amiga, professora da vida e da graduação que aposta junto comigo nas possibilidades de sonhar e fazer o bem.

À minha amiga e irmã que adotei e que me adotou no Sul do País, Sheyla Werner, minha catzinha.

Aos meus colegas Jefferson Castro, Dinaê Espíndola, Andressa Ercolani, Cristina Estima, Gabriela Zuchetto e Gabriele Bragatto por compor as lindas Micro-Super equipe e acolher os sentimentos diários.

Ao Leo Sosa e Pedro Henrique Sena, que contribuíram para os embalados sons e melodias da Ciranda na Rua.

A atenção, apoio, orientação, tranquilidade e paciência da Júlia Dutra, mais que orientadora, contribuiu muito para que eu chegasse até aqui.

A sinceridade, delicadeza nas palavras e admiração da minha Tutora Paula Filippin.

À Cláudia Freitas por sua generosidade em participar desse último momento e aceitar o meu convite para banca avaliadora.

Ao carinho, acolhida, paciência e dedicação dos profissionais do Centro de Atenção Psicossocial Infantil de Novo Hamburgo, do Serviço de Residência Terapêutica Morada São Pedro, do Consultório na Rua do Centro de Porto

Alegre, do Consultório na Rua de Olinda-PE, da Equipe de Matriciamento e Saúde Mental da Glória, Cruzeiro, Cristal e da Unidade Básica de Saúde da Tronco. Assim como a todos os outros profissionais que me acolheram nas andanças das redes.

Aos colegas residentes, coordenação, articuladores e todos que lutam a cada dia para que essa Residência em Saúde Mental Coletiva consiga fazer o seu melhor.

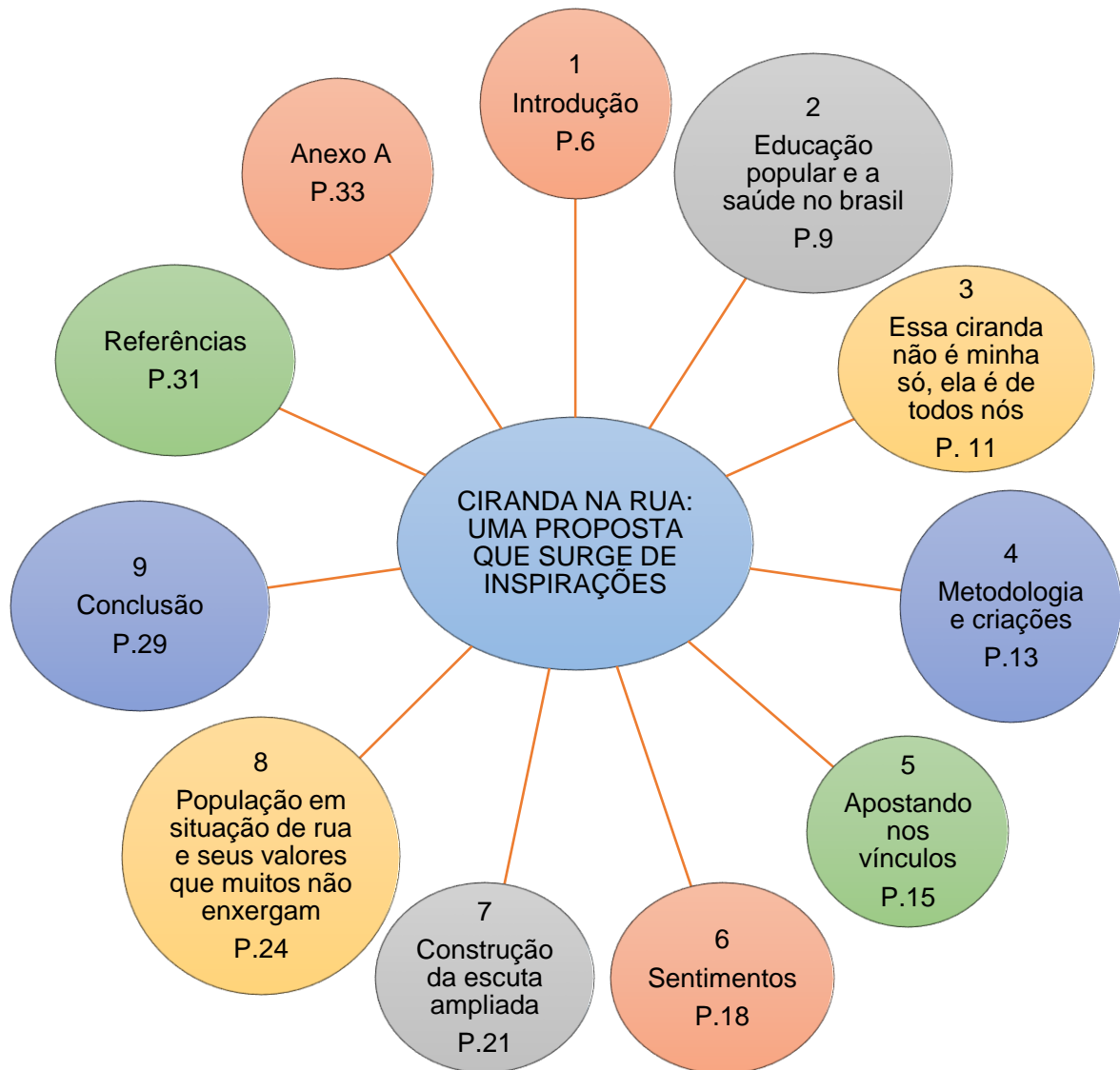
E por último aos meus Cirandeiros (pessoas que acompanhei nos diversos serviços por onde cirandei), motivo maior de inspiração e fortalecimento para que eu conseguisse concluir essa Especialização, a quem dedico com todo Amor, Carinho e Sinceridade este trabalho.

RESUMO

O presente trabalho trata-se de um Relato de Experiência embasado na metodologia participativa de Paulo Freire, trazendo consigo experiências vivenciadas por esta autora durante um espaço junto a pessoas em situação de rua - a Ciranda na Rua. O objetivo é relacionar os aprendizados da Residência Integrada em Saúde Mental Coletiva, com as possibilidades de intervir na realidade social dos sujeitos. Assim, tratarei da Educação Popular em Saúde como processo de educação cuidado e compartilhamentos. Abordam-se ainda cenas narradas que permitem a interpretação das emoções vivenciadas a partir de diferentes relações desse espaço que toma a identidade cultural e o respeito ao outro para sensibilizar as pessoas que se permitem cirandar, os cirandeiros.

Palavras-chave: Educação Popular em Saúde. Consultório na Rua. Saúde Mental Coletiva.

SUMÁRIO



1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de um relato que traz consigo uma bagagem experiências e sentimentos que tomaram conta do corpo e da mente desta autora, enfermeira, que saiu de sua região para viver o extremo de sua cultura durante dois anos de formação na Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (RIMSMC/UFRGS).

A RIMSMC/UFRGS acredita na educação em Saúde Mental Coletiva através dos valores éticos da dessegregação, seja da loucura, da deficiência, dos comportamentos atípicos ou das singularidades não previstas pelos espaços disciplinares da educação, da saúde e das culturas urbanas. Essa educação em saúde envolve a promoção da saúde mental, a psicopedagogia e a saúde mental coletiva nos serviços do Sistema Único de Saúde (SUS).

Segundo Fagundes (1995) a saúde mental coletiva é entendida como “a intercessão entre saúde, educação e movimento social por um cuidado com a vida”. Ela aproxima-se e articula-se com vários dispositivos (educação, saúde, cultura, assistência social, atenção socioeducativa e protetiva, educação popular, etc.) presentes na cidade e no território dos sujeitos que necessitam de cuidados em saúde mental, construindo autonomia e fortalecendo a ideia de um cuidado em liberdade. A RIMSMC/UFRGS realiza suas atividades baseada nessa proposta de cuidado como princípio ético e político.

O objetivo deste trabalho é relacionar os aprendizados da RIMSMC/UFRGS, com as possibilidades de intervir na realidade social. Assim tratarei da Educação Popular em Saúde como processo de educação por meio da vivência chamada “*Ciranda na Rua*”. Prática que aconteceu com pessoas em situação de rua que utilizaram o serviço do Consultório na Rua no Centro de Porto Alegre no estado do Rio Grande do Sul. Percorrerei essa vivência que se estendeu de maio de 2015 a janeiro de 2016.

A “*Ciranda na Rua*” caracteriza-se como um espaço aberto para a discussão e construção da saúde de forma ampliada. Realizada semanalmente no Consultório na Rua¹ a partir de diferentes ferramentas e linguagens que envolvem cultura.

¹ O consultório na Rua do Centro de Porto Alegre possui uma unidade fixa (base) na qual atende à demanda espontânea de pessoas em situação de rua e vulnerabilidade social por meio de consulta médica, de enfermagem e de assistência social.

Desse modo, proporciona um cuidado ampliado em saúde a partir da prática do diálogo² com as realidades locais de quem mora na rua, e da liberdade para se expressar, se reinventar na construção coletiva e nos encontros com o outro, apostando na metodologia da Educação Popular em Saúde.

Sabemos que dentre os modelos utilizados para trabalhar a educação em saúde existe o método tradicional e o método radical. O método tradicional segue os pressupostos da antiga saúde pública, centrando na mudança individual. Caracterizado pelo ensino verticalizado e passivo onde o educador é o detentor do conhecimento e o educando é o objeto que deve ser preenchido. Assim, não permite o desenvolvimento crítico e formação de agentes sociais (SOUZA, 2005).

O método radical compreende a complexidade da nova saúde pública e tem como objetivo principal promover a saúde, estimulando que os educandos identifiquem os problemas, suas origens, e a partir disso desenvolvam planos de ação capazes de transformar a sua realidade. Caracteriza-se pela autonomia, pensamento crítico-reflexivo, ensino-aprendizagem horizontal onde educandos e educadores são cooperadores do conhecimento (FREIRE, 1987).

Dessa forma, surge a necessidade de uma abordagem educacional baseada em uma pedagogia que utilize esse método radical com o enfoque nos sujeitos que agora passam a ser o centro das transformações. Assim, a concepção dialógica de Paulo Freire pode ser ferramenta de ampliação da educação, transpondo barreiras convencionais com ações de impacto baseadas na autonomia, liberdade e dialogicidade (ALMEIDA, 2011).

Como pioneiro do trabalho de sistematização teórica de Educação Popular (EP) Paulo Freire se utiliza de um método para alfabetização e educação de adultos que valoriza o saber do educando e promove uma análise crítica da realidade. Construindo alternativas e possibilidades para os enfrentamentos de problemas oriundos do contexto de vida das pessoas. Além disso, Freire acredita na atuação dessa prática a

² Na obra “Educação como prática de liberdade”, Paulo Freire referencia Jaspers para definir diálogo como: Uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. (FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997).

partir da formação de vínculos, de responsabilidade e de solidariedade entre as pessoas permitindo a construção coletiva do conhecimento (VASCONCELOS; CRUZ, 2013).

Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos (FREIRE, 1987, p.39).

Na educação popular os saberes são construídos pelas pessoas à medida que elas seguem seu caminho de vida, sendo fundamental para que superem situações mais frágeis e de dificuldades. Essa Educação Popular trabalha com a pedagogia em sua ampliação progressiva da análise crítica da realidade por parte dos coletivos. À medida que eles fazem o exercício da participação popular tornam-se produtores de sua própria história (GOMES; MERHY, 2011).

Tendo em vista a diversidade do conceito de coletivo, L'Abbate (2003, p.270) afirma que: “as relações entre o coletivo e o individual se constituem em analisadores históricos da maior importância para toda a constituição da saúde coletiva e a compreensão de seu campo de saberes e práticas.”

O espaço construído nesse coletivo diz respeito à ampliação de comunicação entre os sujeitos e o grupo, remetendo a uma ética de convivência nos processos de construção.

No decorrer deste trabalho revivo cenas a cada capítulo que trazem consigo reflexões de uma Cirandeira que acredita na proposta da Educação Popular em Saúde como modo de cuidado e educação. Ao mesmo tempo que questiono: O que é cuidado nos encontros inesperados? Como é possível se fazer presente nesta ciranda mesmo estando em outro espaço físico? É com esses e outros interrogatórios que permito conhecer a singularidade das pessoas, receber respostas através dos atos e perceber a potência desta Ciranda que surpreende a cada encontro.

2 EDUCAÇÃO POPULAR E A SAÚDE NO BRASIL

Na década de 1970 profissionais de saúde na Atenção Primária incorporam os conceitos da pedagogia de Paulo Freire nas ações de educação em saúde, resultando em uma relação menos vertical entre o profissional e a sociedade nessas práticas. Acredita-se que essas ações criaram espaços mais permanentes para que as pessoas possam resignificar e coproduzir conhecimentos necessários ao alcance do processo de emancipação ou de empoderamento esperados como resultados desses encontros (FLISCH et.al, 2014).

Nessa perspectiva de construção, a Educação Popular em Saúde (EPS) no ano de 2003 é institucionalizada através da Política Nacional de EPS no SUS, sendo um processo de construção diário ganhando espaços nos serviços e práticas da saúde, principalmente na Atenção Básica. Ganha a forma através de práticas como a culinária terapêutica, terapia comunitária, práticas populares de saúde, na formação profissional, cirandas da vida, cenopoesia³ e outros. (VIEIRA; JESÚS, 2014).

Na obra Pedagogia da Autonomia, Freire (1996) destaca que o educador deve reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Sendo uma de suas tarefas trabalhar com os educandos o diálogo como meio de possibilidades para a educação horizontal, em que os sujeitos adotam uma postura ativa em seus ambientes políticos e sociais.

Diante dos contextos sociais, político e ético-ideológico a educação da qual falamos torna-se atemporal. Ou seja, não há tempo e idade para se educar pois aprender se estende pela vida e ela, vida, não é neutra, mas engajada. Assim, a Ciranda na Rua é considerada um espaço educativo que busca novos modos de cuidar que se articulem nesse espaço coletivo e aberto discutindo as questões sociais, históricas, culturais, além da prevenção de doenças.

De acordo com Abrahão e Freitas (2009) as diferentes dimensões do objeto social se fazem presentes em espaços grupais, demonstrando que a dimensão

³ Cenopoesia é a composição de teatro e poesia. Enquanto o teatro se encarrega de ação e dos gestos, a poesia traz em si a carga de dramaticidade, ou seja, lirismo e dramaticidade juntos. Surge nos anos 80 do século XX, quando a poesia ganhava as ruas e praças do Rio de Janeiro. Naquela época, o teatro de rua ainda engatinhava com poucos grupos atuando no Brasil.

patológica não deve ser a única que circula nas informações e nos debates de atividades dos encontros no campo da saúde.

Campos (2003) acredita que o trabalho das organizações de saúde deve transformar as relações entre trabalhadores e usuários para que ampliem sua capacidade de se pensar em um contexto social e cultural, existindo a relação de educador e educando de ambas as partes. Para o autor, essa prática pode ser realizada durante os cuidados clínicos, como também nas práticas de saúde coletiva. Defende que há a necessidade de repensar os modelos de atenção. Para tanto indica que é preciso reforçar a educação em saúde, objetivando com isso ampliar a autonomia e a capacidade de intervenção dos usuários e trabalhadores.

Quando se fala de participação social e de democracia é pressuposto o ato de compartilhamento da construção do fazer, saber e poder, estabelecendo relações solidárias entre gestores, trabalhadores e usuários de um Sistema Único de Saúde (SUS). O protagonismo do sujeito de forma autônoma e consciente atuando e compreendendo o mundo e esse espaço que está inserido, faz do SUS uma realidade vivida e não só uma lei assegurada (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014).

Diante das diversas dificuldades e embates que circundam o SUS referente a implementação, implantação, financiamento e gestão do sistema, muitos serviços e profissionais sentem dificuldades de desenvolver e construir ações conjuntas com a população. Em alguns casos ocorrem tentativas de construção, seja por descompromisso daqueles que trabalham, por dificuldades impostas pelas unidades e, ainda, por uma série de razões que deixam a população sem a devida atenção. Isso se assevera quando se trata da população em situação de rua.

Nessa perspectiva de formação o espaço da Ciranda na Rua tem a identidade cultural como base do processo educativo e compreende que o respeito ao saber popular sensibiliza os diferentes atores envolvidos. Permitindo aos profissionais residentes e usuários da saúde o desenvolvimento de novas relações, através do diálogo, valorização do saber popular e compartilhamento de ideias.

3 ESSA CIRANDA NÃO É MINHA SÓ, ELA É DE TODOS NÓS

Em Abril de 2015 chego junto com uma colega ao Serviço do Consultório na Rua para conhecer a equipe e viver a rotina. Ao chegar nos deparamos com pessoas sentadas nos bancos de madeira em um espaço de espera para atendimentos clínicos e à espera de algo. O propósito de todos é semelhante. Ser “atendido” pelo médico, enfermeiro, assistente social ou outros profissionais de saúde que trabalhavam no serviço. Porém, ao mesmo tempo percebíamos que o silêncio se fazia presente. Os olhares direcionavam-se para baixo e discretamente faziam um movimento que expressava o desejo de trocar palavras. Talvez conhecer quem passava ali, de onde seriam os sotaques diferentes ou até mesmo demonstrar o desejo de ter um tempo consigo.

Após um mês acompanhando esses gestos, fizemos leituras contextuais semelhantes sobre esses que esperavam. Para nós residentes fazia-se então a necessidade da integração, da cor, do movimento, da palavra, da troca, do conhecer e do tocar.

Como uma de nossas propostas era construir um material que apresentasse nossa inserção como residentes nos 9 meses de trabalho, surgiu a ideia de um espaço que conseguisse contemplar algo em relação as nossas leituras ali feitas enquanto Profissionais de Saúde em Formação.

Eis que surge a Ciranda na Rua, nome que traz consigo a inspiração em uma das mais belas e suaves danças brasileiras. Dança que tem origem no litoral nordestino criada pelas mulheres dos pescadores que esperavam o retorno de seus companheiros, cantando e dançando na areia da praia do litoral Pernambucano. Essa expressão cultural se difundiu para a Paraíba, devido os vilarejos dos pescadores entre os dois estados. Ao longo do tempo passou a ser praticada nos salões da cidade pela classe média e, aos poucos, foi se alastrada para a população em geral (CORTÊS, 2000).

Baseada na proposta dessa dança que é a construção de um círculo, girando sempre para a mesma direção com passos envolvidos por canções suaves lembrando o movimento do oceano, e embalada pelas ondas do mar, escolhemos o termo “Ciranda” para fazer acontecer os movimentos embalados por pessoas (cirandeiros) que circulavam naquela sala de espera.

Como os cirandeiros são pessoas que estão em situação de rua, espaço onde se tem o movimento presente a cada instante respeitando a dinâmica da cidade e a intinerância de pessoas, as mudanças climáticas e outras situações que envolvem mudança na rua inspiraram-nos para nomear a atividade de “Ciranda na Rua”.

A “*Ciranda na Rua*” então surge com a proposta do movimento através do cuidado. Espaço aberto que acolhe quem desejar e se sentir convocado a movimentar-se junto, seja através das palavras, da música, das ideias, dos desenhos, dos olhares, gestos e outras trocas buscadas pela Educação Popular.

Cordel da Rua
Jéssica Correia

Ao chegar sentimos um tanto parado
Ao circular entendemos o fato
Nos bastou planejar
E a Ciranda criar.

As coisas surgem no seu tempo
Nasce uma parceria em microequipe
Que volta o olhar para o Ser e seu
talento

Essa ciranda veio para a troca
Toda terça aqui surge
Palavras, afetos e roda

Esse é nosso cuidado
Pessoas que se olham
E enxergam cirandeiro
cada um de um lado
expressando seu jeito

Sem importar qual é a atividade
Aqui, só vale uma coisa:
Sentir o cirandeiro chegar
E sua liberdade expressar!



4 METODOLOGIA E CRIAÇÕES

Este trabalho consiste em um relato de experiência vivenciado pela Residente através das atividades realizadas na Ciranda na Rua no Período de Maio de 2015 a janeiro de 2016 junto a população em situação de rua no centro do município de Porto Alegre, RS.

A proposta das páginas seguintes é expressar através de escritos os sentimentos e olhares que acompanharam essa vivência imersa em reflexões, críticas e questionamentos que surgiram nesse período de formação enquanto profissional.

A Ciranda na Rua acontece semanalmente nas terças-feiras no turno da manhã com uma duração de duas horas. Os primeiros encontros foram organizados de uma maneira que aconteceram neste espaço físico, mas com a intenção de também ampliar a circulação das atividades na rua, como aconteceram em alguns momentos.

As primeiras Cirandas tiveram um momento de convocação através do convite verbal para as pessoas que estavam na sala de espera, se caracterizando como momentos de expressão através da pintura e dos desenhos. A continuidade dos encontros fez com que a Ciranda tivesse seu espaço construído e visto pelos usuários do serviço que já se sentiam familiarizados em chamar aquele momento de “Ciranda”.

A cada encontro perguntávamos e percebíamos através das falas as necessidades de conversar e trabalhar determinados temas, tais como: Relação com o uso abusivo de álcool e outras drogas, Redução de Danos, o espaço das mulheres na sociedade e os Movimentos Feministas, o estímulo da leitura, como estamos cuidando de nossa mente e outros. E assim, surgiam os planejamentos dos temas para os próximos encontros.

Quando planejadas as atividades entre nós residentes a partir das ideias e contribuições oferecidas pelos cirandeiros, buscamos levar atividades que se utilizassem de materiais diversos⁴ conseguindo então ampliar as formas de convocação naquele ambiente.

⁴ Como a música, poesias, filmes, curta metragem, leituras, cartazes, mandalas, livros, revistas, jornais, tecidos, incensos, tintas, pincéis, práticas corporais e outros

Desde a primeira ciranda falas e ideias foram surgindo e percebíamos que o registro escrito daquele movimento se fazia necessário (Apêndice A)⁵. Escrevíamos após cada Ciranda na Rua e arquivamos os relatos semanais em uma pasta produzida por nós cirandeiros em um dos encontros. Essa pasta foi confeccionada com colagens de jornal, revistas, tecido de chita, pinturas livres, impressões em folhas coloridas. Nesse mesmo encontro uma cirandeira levou algumas bergamotas que ao serem descascadas liberam um cheiro cítrico, fresco e intenso. É considerado o aroma da alegria e do prazer de viver que estimula o positivismo e a sensação de bem-estar. Esse aroma proporcionou em nosso encontro o movimento e a força para que o coletivo pudesse agir de forma positiva.

Por fim, cada cirandeiro assinou na pasta para registrar sua colaboração nessa construção coletiva.

Atualmente, esse material encontra-se no serviço do Consultório na Rua.

O objetivo é que ele possa ser um registro das nossas trocas, como também sirva de inspiração para que os profissionais deem continuidade.



Imagem 1- Registros da construção da pasta da Ciranda na Rua.

⁵ Registros realizados a cada Ciranda na Rua e que hoje encontram-se em uma pasta construída pelo coletivo em um dos encontros.

5 APOSTANDO NOS VÍNCULOS

Em uma tarde de quinta-feira, 17 de Setembro, por meio das 15:00 horas, após situações difíceis com certos profissionais do serviço chega um cirandeiro na recepção do consultório na rua procurando pelas “gurias”. Dessa forma que ele se referia à nós residentes. Quando olhamos do final do corredor tivemos uma surpresa, pois o cirandeiro que não tinha ido mais aos encontros da Ciranda apareceu no Consultório para nos procurar. Com expressão de surpresa pergunto:

- Por onde andavas que não apareceu mais?

Ele responde:

- Ah, tava dando umas bandas por aí, mas não deu certo.

E logo em seguida ele muda de assunto e nos questiona:

- Cadê, não vai ter atividade agora? Vamos fazer alguma coisa, estou com umas coisas na cabeça que quero escrever...

Olho para minha colega e sugiro de pegarmos papel kraft e as tintas guaches para escrever cartazes. Subi as escadas e fui buscar o material curiosa para saber o que tanto aquele cirandeiro estava pensando em escrever.

Chego com o material e digo:

- Pronto, agora vamos escrever.

Minha colega acende um incenso⁶ e quando entrego o pincel na mão do cirandeiro, ele me responde:

- Não ... não, escrevam vocês que minha letra é feia.

Insistimos para que ele escrevesse.

É quando ele começa a falar para minha colega a frase que gostaria de colocar, mas que antes queria que ela escrevesse no papel para que ele depois passasse no cartaz. E as frases diziam o seguinte:

“A BOCA MENTE, O OLHAR NÃO, SIGA SEU CORAÇÃO.”

⁶ O incenso é utilizado há muito tempo por diversas crenças, religiões e também para harmonizar o ambiente trazendo bons fluídos. São misturas de ervas, aromas, ou seja, misturas de componentes alquímicos que possuem a função básica de elevar espiritualmente, tanto o ambiente como o próprio ser. Esse instrumento acompanhou todas as Cirandas, sendo ideia de um cirandeiro que carregava um incenso aceso em seu carrinho de reciclagem para amenizar o odor do lixo. Como inspiração, o incenso a cada ciranda foi entregue a um cirandeiro para que acendesse, tornando-se um símbolo do espaço. Certo dia fomos presenteadas por um cirandeiro com um incensário para ser utilizado nos encontros.

“COMO VAI SEU MUNDO? ”, “COMPLETANDO A CENA. ”

Um senhor que estava sentado nos bancos de madeira se aproximou e começou a citar um verso em espanhol para que o outro cirandeiro colocasse no cartaz. E assim fomos complementando a intervenção do outro, cada um com suas ideias e desejos que queriam ser expressos naquele momento. No final, o cirandeiro diz:

- Eu precisava escrever essas coisas e vir aqui ver vocês porque eu estava sentindo um negócio que falava para eu passar aqui. Sentia que vocês também não estavam bem.

Assim, esse cirandeiro nos surpreendeu mais uma vez, pois no outro dia nos trouxe um desenho e falou:

- Esse desenho eu fiz pensando nas cirandas, queria que vocês fizessem uma cópia e colocasse na parede. Porque quando eu não estou aqui, estou em outros lugares, mas pensando nesse momento.

Como solicitado fizemos a cópia do desenho e colocamos na parede da sala de espera. Recolhemos os materiais, fixamos os cartazes na parede e mais uma tarde se encerrou com a despedida sem previsão de um retorno, para que o símbolo de surpresa não se perca.



Imagem 2 – Cartazes construídos

Essa resumida cena traz consigo o que podemos chamar de amparo com o outro, confiando na sua potência e desejando que ele se manifeste. Fazendo

surgir e fortalecendo no outro e em si mesmo a coragem da entrega e do se permitir.

Segundo autores é no sentido do amparar o outro que se valoriza a concepção de confiança, pois essa confiança diz respeito à disponibilidade para agir quando os limites e possibilidades de ação ultrapassam a capacidade de compreensão e conhecimento. E quando surge essa confiança o sentimento faz da experiência um domínio de experimentações, pois nessa ação não existe seguridade de sucesso, mas sim a tentativa de uma ação cujo resultado é incerto, fazendo da experiência um ato de criação (LAPOUJADE, 1997), como aconteceu na cena citada acima.

Essas interpretações de confiança justificam a construção dos vínculos que a Ciranda na Rua proporciona, pois é a partir dela que as relações se estreitam e fortalecem, permitindo ao outro reconhecer a potencialidade dos encontros e atividades.

É a partir dessa construção e desse vínculo que o cirandeiro sente-se à vontade para dizer que precisava encontrar o profissional e falar de suas angústias e desejos, como também conseguir expressar que sentiu falta do outro cirandeiro. Esses vínculos proporcionados pela Ciranda não se referem apenas ao profissional residente com o usuário do serviço, mas também entre os próprios usuários e entre as residentes.

E é assim que os vínculos construídos permitem confiar no outro, percebendo através dos olhares e não da fala, seguindo o coração e interrogando seu mundo para que um dia se complete a cena.

6 SENTIMENTOS

Esse capítulo foi inspirado a partir de uma das narrativas que escrevi no primeiro semestre do ano de 2015. Na qual narro uma cena da Cirandeira que participou do primeiro encontro e que ultimamente não procurou mais o serviço do Consultório na Rua nem avistamos durante abordagens na rua que fazíamos junto à equipe. Em um de nossos primeiros encontros a cirandeira escolheu um trecho do livro “Mulheres”, obra de Eduardo Galeano, que tínhamos levado para um sarau em uma de nossas cirandas.

*Essa mulher é uma casa secreta.
Em seus cantos, guarda vozes e esconde fantasmas.
Nas noites de inverno, jorra fumaça.
Que entra nela, dizem, não sai nunca mais.
Eu atravesso o fosso profundo que a rodeia. Nessa casa serei
habitado. Nela me espera o vinho que me beberá. Muito
suavemente bato na porta, e espero. (GALEANO, 2011).*

Descobrimo cuidado

Foi a partir de três encontros que surgiu a confiança, a necessidade de se expressar, a delicadeza e o precisar do outro ao seu lado. Assim se deram os encontros com uma cirandeira, que estava aguardando seu companheiro sair de mais uma internação devido ao uso prejudicial de álcool e outras drogas. Quando o tão esperado dia de alta do companheiro chegou os convidamos para um encontro ali no mesmo lugar que ela procurava quando sentia vontade de conversar. Mas, o casal não retornou. Acredito que algo fazia mais sentido para esse casal naquele momento no qual permitiram-se viver outras coisas que teriam mais sentido. Desde então a cirandeira não frequentou mais o serviço do consultório na rua, como o bater na porta sem saber se alguém vai atender.

Não sei se por acaso, mas em uma quinta-feira encontramos a cirandeira em um outro serviço com o sorriso no rosto junto ao seu companheiro. Eu e uma colega fomos cumprimentá-la e a mesma nos fala que estava passando um tempo na casa de sua tia e que agora estava em um albergue. Convidamos mais uma vez eles à comparecerem na ciranda.

Chegada a terça-feira a cirandeira passa por nós e não percebe que estávamos ali sentadas junto à outras pessoas que aguardavam atendimento. É

quando a chamo e ela vira com um olhar “perdido”. Eu e minha colega percebemos que vinha o desejo de falar como das outras vezes. E a história veio: ela nos conta que seu marido saiu para fazer um bico e não voltou desde a sexta-feira. Foi nesse momento que chamamos ela para um lugar mais afastado do grande grupo.

A cirandeira relata toda sua angústia pelo motivo de sentir-se só e preocupada com o marido, pois achava que ele tinha saído para beber e por isso não voltou. A mesma nos fala que não acredita mais no tratamento dele pelo fato de não ser a primeira vez, mesmo recebendo após as internações encaminhamento para serviços especializados.

Nessa mesma terça-feira ela é atendida no serviço por motivos específicos de saúde, e constrói e participa da ciranda na rua junto conosco e depois de um tempo recolhe seus pertences e deixa o serviço sem se despedir de nós. Assim acompanho a cena sentada no banco.

Ao ver esse movimento fico a pensar o quanto é claro a confiança que aquela cirandeira depositou em nós ao nos procurar quando se sentiu só e precisou pedir ajuda. Mas, ao mesmo tempo fico em silêncio pensando como eu posso ajudar essa pessoa.

Foi através das palavras e do tentar construir junto com ela maneiras de suportar momentos como esse que procurei cuidar dessa cirandeira. Nesse construir junto, os sentimentos se misturam, pois, antes de uma profissional de saúde meu corpo se apresenta como uma mulher que está tentando cuidar.

Infelizmente fiquei com um sentimento de que poderia agir de forma mais atenciosa com aquela cirandeira naquele momento ao vê-la deixar o serviço. Até que cheguei em casa e encontrei o seguinte pensamento quando me questioneei se eu de fato consegui promover o cuidado:

Cuidar é mais do que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro.
(BOFF, 1999, p.33)

Assim, chego à conclusão que seguimos cuidando principalmente quando estamos dispostas a nos ocupar com aquela situação que não esperávamos. Situação que ao mesmo tempo trouxe preocupações e afetos, mas que foi o suficiente para que eu conseguisse pensar no que realmente poderia ser cuidado naquele momento.

Esse escrito conseguiu expor a dinâmica das emoções que tomaram um corpo durante horas após uma cena como tantas outras que a Ciranda na Rua nos proporcionou. Emoções que se transformam em questionamentos e ao mesmo tempo em descobertas através de ações humanas.

Segundo Maturana (1998) toda ação humana depende de uma emoção para se construir. Para o autor o social surge de uma emoção específica que é o amor. Entretanto, amor e emoção para este pensador não expressam o mesmo que sentimentos, como comumente são conotados. Sentimentos para ele são as maneiras como costumamos designar diferentes emoções, e nesse momento posso dizer que o sentimento de cuidado se fez presente.

*Lá no tempo em que nasci,
Logo aprendi algo assim:
Cuidar do outro é cuidar de mim,
Cuidar do outro é cuidar de mim ,
Cuidar do outro é cuidar de mim,
Cuidar de mim é cuidar do mundo.*

Jhonson Soares, Ray Lima, Júnio Santos

Trecho da cantiga popular **Cuidar do Outro é cuidar de mim.**

7 CONSTRUÇÃO DA ESCUTA AMPLIADA

Quando surge a proposta de criar a Ciranda na Rua, uma das cenas que mais se passava em minha mente era promover um espaço em que seria possível escutar o outro. E no decorrer dos encontros a demanda foi surgindo e as possibilidades de escutar o outro foram sendo construídas. Tomando como recordação dos encontros iniciais, trago a narração que lembra um cirandeiro. Ele era um flautista que se sentiu à vontade para fazer daquele espaço um momento que pudesse trazer suas dificuldades, dúvidas, emoções, escolhas e outras situações.

Os acordes, o sonho, o poeta

Poeta que te encanta com a gravidade da voz e a delicadeza das palavras. Foi assim que o cirandeiro demonstrou sua simplicidade entre nós em mais uma manhã de terça-feira na Ciranda na Rua. Nosso primeiro encontro foi marcado pela música, um violão de um colega estava em meio ao grupo e o cirandeiro pegou o instrumento solicitando que nós cantássemos a canção com ele enquanto tocava. Mas a voz deste Cirandeiro se faz tão presente que fomos silenciando aos poucos para sentir a combinação das notas com sua entonação.

Entre uma música e outra as conversas iam surgindo paralelamente ao espaço e o cirandeiro trazia uma demanda de dialogar sobre sua situação de vida e como estava sendo esse viver na rua. Ao relatar sua história de vida, ele relembra dos filhos e do que gostava de fazer. Tocava instrumentos na laje da casa de sua família. Diz ter uma flauta como sua companheira de longos anos, mas que a deixou em uma comunidade terapêutica, na qual estava internado, mas decidiu sair de lá por não enxergar o sentido dos dias naquele ambiente. O tempo se passa e precisamos encerrar a ciranda daquela manhã.

Em outro turno daquela mesma semana um som chega suavemente aos ouvidos da equipe. Nesse momento me dou conta que o som vem da sala de espera. Estava ali o cirandeiro, sentado no banco de madeira só embalando suas falanges no instrumento de sopro que tinha conquistado através de uma verba

doado pela professora que coordenava um projeto universitário no qual havia conhecido.

O cirandeiro conseguiu retomar o encontro com seu instrumento de longos anos, e ficou horas mostrando as melodias e notas que conseguia soprar ali. É nessa sala de espera que retomo com ele um momento para tentar perceber até onde vai o sentido e o valor das coisas que nos são ofertadas e/ou conquistadas.

A escuta se faz presente e o acolhimento fez um caminho inverso a partir do momento em que eu sou convocada a ir ao encontro por meio da música. Ou seja, neste dia eu fui procurar o cirandeiro, diferentemente dos outros dias em que o movimento era dele vir nos procurar.

A partir desses encontros o poeta se fez presente nas seguidas cirandas onde compartilhava suas letras de música e interagia com outros cirandeiros relatando situações e expressando suas opiniões em relação a vivência na rua, nos albergues, nas comunidades terapêuticas e outros espaços.

Mas chega também o dia em que o cirandeiro se ausenta de alguns encontros e nos aparece depois de umas três semanas bem vestido, expressando bastante realização, acompanhado de seus dois filhos e sua companheira. Nos apresenta sua família e diz que fez a escolha de conviver com eles após. E assim, o cirandeiro foi ao Consultório na Rua se despedir de nós e pegar seus documentos referentes aos atendimentos daquele serviço.

Através deste relato é possível perceber o quanto é potente e viável apostar na escuta que antes se fazia na sala de consultas e hoje acontece na sala de espera. Isso que faz a diferença na escuta chamamos de escuta ampliada. Essa escuta parte da ideia de Clínica Ampliada na qual o desejo do usuário em ficar sentado naquele banco de madeira foi respeitado. Assim, tentamos buscar junto a ele quais motivos o fizeram procurar ajuda, construindo junto e através das escutas quais condições e possibilidades esse sujeito teria no momento. Além disso, em diversas cirandas percebíamos o quanto era comum os cirandeiros iniciarem conversas na qual conseguiam conhecer melhor um sobre o outro e assim dividir um pouco suas ideias, dúvidas, aventuras, medos e outros sentimentos que apareciam por ali. Demonstravam que estavam se sentindo à vontade naquele coletivo e espaço.

Não é fácil ser um homem livre: fugir da peste, organizar encontros, aumentar a potência de agir, afetar-se de alegria, multiplicar os afetos que exprimem ou envolvem um máximo de afirmação. Fazer do corpo uma potência que não se reduz ao organismo, fazer do pensamento uma potência que não se reduz à consciência (DELEUZE, PARNET, 1998, p.75).

Foi através de cenas como essas que a Ciranda na Rua mostrou o quanto é importante para criar espaços de trocas, relações, encontros e aprendizado. A prática chegou a superar nossas expectativas e convocou outros cirandeiros que não estavam em situação de rua, mas que passavam por nós quando circulavam no prédio onde está localizada a base do Consultório na Rua.

Essas pessoas na maioria das vezes iriam ter atendimento nos andares acima, mas ao nos perceberem se deparavam com o colorido que a Ciranda Proporcionava. Curiosas, ou até mesmo convocadas pelas conversas aproximavam-se. Fazíamos o convite, mas em alguns momentos quando nos dávamos por conta outras já estavam inseridos na atividade.

Nesse momento a Ciranda nos surpreende com as possibilidades de envolvimento e compreensão de que aqueles corpos conseguem fazer potência que não se reduz ao organismo. Ou seja, permitem a imersão de suas energias ao cirandar, conseguindo aproximar-se de alguém que em outras cenas poderia ser uma ameaça ou um pobre coitado, mas que agora é visto como um sujeito que ensina e aprende com suas próprias vivências.

8 POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA E SEUS VALORES QUE MUITOS NÃO ENXERGAM

Não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho.
(FREIRE, 1991, p.144)

Quando escolhi trabalhar com a população em situação de rua permiti conhecer as realidades daqueles que habitam com frequência vários espaços da cidade. São essas mesmas pessoas que recebem olhares de muitas outras que julgam o indivíduo como “perigoso, vagabundo, sujo, bêbado, que pede esmola, que não quer nada com a vida e que não tem mais jeito porque usa drogas”. Também podem existir olhares voltados para a comoção e piedade vendo a pessoa como um coitada.

É nessas condições que muitas vezes passamos pelas ruas e negligenciamos a existência da pessoa que ali está, como se ela fizesse parte do “paisagismo” da cidade. E que muitas vezes são violentadas, xingadas e até mesmo agredidas chegando ao ponto de serem queimadas. Esses comportamentos ou conteúdos simbólicos, como chamaria Guareschi (1996), que insinuam algumas estratégias de operação da ideologia, como a rotulação e o estigma, podem repercutir na construção da identidade pessoal das pessoas que habitam a rua. Para o autor “ trata-se de conteúdos simbólicos de cunho ideológico, na medida em que favorecem a cristalização de relações de exploração e dominação”.

Então, na perspectiva de descobrir e ter um espaço para propor, sugerir, ter voz e a possibilidade de trocar com o outro, a Ciranda na Rua é considerada como um movimento de visibilidade para essas pessoas que na maioria dos casos não conseguiam se expressar quando conviviam em um pequeno grupo.

Conviver é permitir que exista compartilhamento em um espaço coletivo, identificar-se, trocar experiências e problemas comuns. Através dessa experiência, as pessoas compartilham a possibilidade de construir sua identidade como reflexo de sua relação com os outros.

Como na ciranda circularam diversos modos de vida, tinha sempre aquele cirandeiro que chegava com diversos saberes para compartilhar. Alguns tinham conseguido concluir os estudos, cursaram uma Universidade, gostavam de ler e escrever. Era nítido para nós que propussemos o espaço que aquele coletivo tinha diversos educadores.

E durante nossos encontros percebíamos que conhecimento científico é importante, mas não é único. Os cirandeiros conseguiram durante os movimentos da roda ensinar através do que foi vivido, do seu saber e sua cultura que contribuiu para o aprendizado do outro.

Boaventura (2012) afirma que existe um grande divórcio entre o conhecimento acadêmico e os conhecimentos popular, por isso se faz cada vez mais necessário o diálogo entre esses saberes. Segundo o autor: “Temos o direito de ser iguais sempre que as diferenças nos inferiorizem, temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracterize”.

A partir desse olhar reconhecemos que a ciranda permitiu o movimento de reconhecermos as igualdades e diferenças, como também nos ensinou a aprender, no qual segundo Freire ninguém ensina a ninguém, mas todos aprendem uns com os outros e todos entre todos.

Ali, onde os participantes ensinam e aprendem porque não trabalham com saberes “de fora”, trazidos a eles, mas operam saberes integrando o que “vem de fora” com as suas próprias vivências, com os seus conhecimentos, com a sabedoria da cultura popular que eles próprios vivem dia a dia e continuamente criam e transformam (FREIRE,1996).

Para finalizar este capítulo trago um Ciranda que foi planejada para ser realizada nas ruas do Centro de Porto Alegre.

ANDEMOS! SIGAMOS OS PASSOS DAQUELES QUE CONHECEM O CAMINHO

Terça- Feiras, 25 de agosto de 2015, 8:30hr, chegamos ao Consultório na Rua e encontramos diversas pessoas ali sentadas. Fomos convidando um por um para dar uma volta em pontos de cultura que existiam no centro de Porto Alegre.

Alguns não poderiam ir, pois precisavam de outros cuidados de saúde e aguardavam ser chamados pelo médico, outros aceitaram o convite e já que estavam por ali aguardando o que seria essa Ciranda sugeriram que um desses pontos que poderíamos conhecer seria a Casa de Cultura Mario Quintana que fica a 550m de onde estávamos.

Antes de sairmos com os 5 cirandeiros um deles pede que a gente aguarde para que possa ir buscar um café. Ele retorna e compartilha seu café com todos nós. Seguimos andando em direção à Praça da Alfandega e a cirandeira, minha colega, sugeriu de tentarmos um prédio cultural que tinha ali pelo caminho, mas quando tentamos entrar mas devido o horário de funcionamento não conseguimos. Seguimos nossas andanças acompanhadas de conversas que interrogavam o que poderíamos encontrar nessa casa. Os cirandeiros se mostram bastante aprofundados no assunto e começam a falar dos jardins e das bibliotecas que gostam de frequentar ali, comentavam também que o quarto do poeta ficava no segundo andar e ainda tinha um quindim mofado lá dentro. Fico rindo silenciosamente achando interessante os registros que esses cirandeiros fazem das cenas. Por que ele foi lembrar logo do quindim mofado? Mas enfim...chegamos à Casa de Cultura Mario Quintana nos olhamos e questionamos para que lado iríamos Em meio a expectativa um Cirandeiro diz:

- Posso levar vocês em uma biblioteca que tem vários jogos e de lá vamos conhecendo as outras coisas.

Outro Fala:

- Mas tem o terraço que podemos passar lá também...

O coletivo se coloca com diversas sugestões até que escolhe ir nessa biblioteca dos brinquedos.

Confesso que já tinha ido nesse local outras vezes, mas não sabia que ali tinham brinquedos que poderíamos acessar e inclusive jogar. Os cirandeiros se espalham na biblioteca, uns pegam gibis para ler, outros se juntam em uma mesa para jogar o "Pirata Maluco" e eu fico encantada com os brinquedos antigos que tinham ali. Olhá-los provocou em mim a lembrança, como se um filme viesse a minha cabeça e instaura-se os tempos de infância novamente. Imagino que alguns também vivem essa sensação ao brincar com os jogos. Ali também estavam diversos livros que fizeram parte do meu ensino fundamental.

Fiquei por muito tempo folheando eles para recordar as histórias. Ah como foi bom viajar no passado nesse dia!

Passado um tempo um cirandeiro me chama para ajudá-lo a construir um prédio com os Pinos Mágico, um jogo antigo onde tem várias peças soltas pequenas para criarmos um objeto, Enquanto tentávamos fazer um prédio o cirandeiro relembra de quando trabalhava com obra civil e diz o quanto sentia falta daquele emprego relatando um pouco quando e como começou a trabalhar nesse ofício..

Depois de uns 30 minutos resolvemos chamar o coletivo para seguir caminhando e conhecer outras coisas ali. Um cirandeiro me explica que naquela biblioteca a gente pode pagar um valor simbólico e pegar um livro emprestado. Vou percebendo quantas coisas descobri naquele pouco tempo com outras pessoas no mesmo local em que eu havia ido e não tinha me dado conta de diversas coisas.

Nosso percurso foi subindo cada andar e alguns cirandeiros sabiam cada coisa que tinha ali, outros estavam tendo o primeiro contato com o lugar e nós residentes percebíamos a cada passo que essa Ciranda era diferente, com uma leveza e cuidado claro entre todos nós, pois a cada instante ficávamos à procura de algum colega que não estava ali próximo ou tinha se intetido com algo no caminho. Enfim, nossa visita à cada de Cultura se deu através do mergulho em livros, jogos, plantas, exposições de artes plásticas, músicas e outros instrumentos culturais.

Quando estávamos finalizando nosso percurso ali guiado pelos cirandeiros, alguns precisavam ir resolver algumas coisas e outros preferiram ir embora por conta do horário. Até que fica apenas um cirandeiro conosco, ele pergunta:

- E agora, para onde vamos?

Eu respondo:

- Não sei, quem sabe não voltamos para a base porquê ainda temos que relatar o encontro de hoje.

Ele diz:

- Mas será que antes não dá para a gente passar na Igreja que tem aqui perto?

Olho para o relógio e para minha colega. Através do olhar expressávamos surpresa. Foi em meio a essa surpresa que respondi:

- Dá sim! Tu sabe chegar até lá?

E ele com tom de confiança:

- Sei. É bem pertinho daqui.

Então fomos indo até chegarmos na Igreja. Uma escadaria enorme, bem pintada de branco e silenciosa. Depois de tantos degraus ficamos admirando quanta beleza nos detalhes das paredes e pilastras, o cirandeiro vai até a frente do altar discretamente e olha fixamente para uma imagem que tinha lá e voltou para os fundos da igreja, onde estava eu e minha colega sentadas.

- Agora podemos ir. Falou ele.

E assim seguimos o caminho de retorno para o Consultório na Rua admiradas do quão rica foi essa ciranda. De como as pessoas conhecem muito bem os lugares que temos em nossa cidade, que elas frequentam esses lugares para terem inspirações e “respirarem outros ares”, como eles nos falaram nesse dia.

E assim, se encerra mais uma Ciranda, com emoções de descobertas, aprendizados, trocas de saberes, recordações, saudades, crença e também de desencontros, aliás para quem está na rua o encontro é algo passageiro, mas que no seu tempo pode vir a acontecer novamente.

9 CONCLUSÃO

A realização deste trabalho foi de extrema importância para finalizar mais um percurso na minha formação enquanto enfermeira. Ressaltando que fiz a escolha de compartilhar tal importância com cada Cirandeiro que contribuiu para o movimento desta Ciranda. Ao reviver as cirandas no texto em que escrevo busco autores que me fazem acreditar ainda mais na potência da horizontalidade no ensinar, aprender e cuidar para e com o outro. Reforçando que é possível trabalhar apostando nos vínculos formados a partir dos encontros que são ofertados, inclusive na saúde.

Paulo Freire, assim como outros autores foi um dos responsáveis em tranquilizar nossas ansiedades e medos quando demonstrava em suas obras as possibilidades de apostar no espaço de coletividade e no ensino horizontal. Percebíamos a potência de promover saúde mental coletiva no avançar das semanas, ao mesmo tempo em que fomos fragilizadas diante de cenas que demandavam muita energia.

No início, para a maioria dos trabalhadores aquilo não fazia sentido, tanto é que foi um dos nossos grandes desafios nesse percurso. Até que hoje conseguimos escutar de alguns profissionais os olhares que eles passaram a ter da Ciranda após perceber e escutar de forma positiva as pessoas que cirandavam por ali.

Sabemos que grande parte dos serviços do SUS, assim como os profissionais, refletem as dificuldades e embates atuais que se referem a gestão do sistema, financiamento e outros fatores que precarizam o trabalho. Além disso, gera na maioria dos trabalhadores dificuldades na busca por atividades como esta, com propostas de construção com aqueles que realmente conhecem o território em que estão inseridos nele. É de conhecimento nosso que as formações profissionais ainda valorizam um cuidado em saúde priorizando o modelo assistencial biomédico, gerando desinteresse naquelas práticas que propõem uma outra abordagem na produção de saúde.

Portanto, acredito nas formações extracurriculares que visam ampliar o conceito de saúde e sociedade. O formato de Residência surge com essa proposta, assim como outros programas ofertados pelo Governo Federal. Para finalizar esse “Cirandarilho” não posso deixar de destacar um dos maiores

ensinamentos que a população de rua deixou marcado em mim. Foi ele o de aprender a conviver com a incerteza, a incerteza do reencontro, a incerteza do último encontro, a incerteza do único encontro. O que quero dizer é que no movimento da rua as coisas passam, mas não deixam claras se um dia retornam. E quando acontece de retornar não é por acaso, outros ensinamentos ele tem para compartilhar no momento que acha adequado, deixando aquela incerteza mais uma vez nos invadir. Esse é o tempo da rua, e precisamos aprender a conviver com ele e respeitá-lo.

[...] Imaginou que ouvia uma música doce no ar da noite: o tipo da música que só poderia ser tocada em minúsculos trombones, trompetes e fagotes de prata, em tubas e flautins tão delicados e pequenos, que suas teclas poderiam apenas ser pressionadas pelos minúsculos dedos rosados de ratos brancos.

Coraline imaginou que voltara ao seu sonho, com as duas meninas e o menino sob o carvalho na campina, e sorriu.

Quando as primeiras estrelas surgiram, Coraline finalmente deixou-se fluir para o sono, enquanto a música suave do andar de cima, do circo de ratos, transbordou para o ar quente da noite, anunciando ao mundo que o verão estava quase no fim [...] (GAIMAN, 2003, pág.155)

Esse trecho da Obra de Gaiman finaliza as aventuras de Coraline que precisa usar todo seu saber, toda sua capacidade de decifrar enigmas e toda a luz que tem dentro de si para libertar três crianças que estavam presas atrás do espelho.

É nesse trecho que me inspiro para finalizar minhas aventuras de Cirandeira. Sendo presenteada no dia do meu aniversário com este livro por um cirandeiro. Encontro-me nessa história visando a confiança na Ciranda na Rua que desde o primeiro momento foi um sonho, foi uma aposta, foi uma descoberta, foi uma persistência. Reviver as cenas nesse trabalho foi como voltar ao sonho, percebendo que é possível acreditar na música doce que só pode ser tocada com os mais difíceis instrumentos. Mas que se faz possível quando as primeiras estrelas surgem e se permitem criar.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, A.L; FREITAS, C.S.F. Modos de cuidar em saúde pública: o trabalho grupal na rede básica de saúde. **Revista de enfermagem**. UERJ, Rio de Janeiro, p. 438, 2009. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v17n3/v17n3a24.pdf>>. Acesso em 5 de Outubro de 2015.

ALMEIDA, M. C. et al. Terapia Ocupacional e pessoas em situação de rua: criando oportunidades e tensionando fronteiras. **Cad. Ter. Ocup. UFSCAR**, São Carlos, v. 19, p. 351-360, 2011. Disponível em <<http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/cto.2011.008>>. Acesso em: 24 set. 2015.

BOFF, L. Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. Disponível em: <<http://www.smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Educa%C3%A7%C3%A3o%20Ambiental/SABER%20CUIDAR-%C3%A9tica%20do%20humano.pdf>>. Acesso em 27 de julho de 2015.

CAMPOS, G. W. S. Paidéia e modelo de atenção: um ensaio sobre a reformulação do modo de produzir saúde. **Biblioteca Virtual em Saúde**, Olho Mágico, v. 10, n. 2, p. 8. 2003. Disponível em: <<http://saudepublica.bvs.br/pesquisa/resource/pt/sus-21961>>. Acesso em 23 de Novembro de 2015.

CÔRTEZ G. **Danças, Brasil: festas e danças populares**. Belo Horizonte, Editora Leitura, 2000.

DELEUZE, G.; PARNET, C. Diálogos. São Paulo: Escuta, 1998.

FAGUNDES, S. **Exigências Contemporâneas. Saúde Mental Coletiva**, Bagé, v.2, n.2, 1995, p.2-4.

FLISCH, T.M.P. et al. Como os profissionais da atenção primária percebem e desenvolvem a Educação Popular em Saúde? **Interface. Comunicação saúde educação**, Botucatu, p. 2, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v18s2/1807-5762-icse-18-s2-1255.pdf>>. Acesso em 6 de outubro de 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 17ª edição, 1987.

FREIRE, P. A educação na cidade, São Paulo, Cortez Editora, p.144, 1991

FREIRE, P. Biografia Educar para transformar, Mercado Cultural, São Paulo, p. 57, 2005.

GAIMAN, N. **Coraline**. Rocco Jovens Leitores, Rio de Janeiro, p. 155, 2003.

GALEANO, E. Janela sobre uma mulher/1. In: GALEANO, Eduardo. **Mulheres** L&PM: Porto Alegre, 2011.

GOMES, L. B;MERHY, E.E. Compreendendo a Educação Popular em Saúde: um estudo na literatura brasileira. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, p. 11, 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.org/pdf/csp/v27n1/02.pdf> >. Acesso em 14 de Dezembro de 2015.

GUARESCHI, P. A. A ideologia: um terreno minado. *Psicologia e Sociedade*, São Paulo, vol. 8, n. 2, p. 82-94, 1996.

L'ABBATE, S. A análise institucional e a saúde coletiva. **Cienc. Saude Coletiva**, Rio de Janeiro, v.8, n.1, p.265-74, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141381232003000100019&script=sci_arttext>. Acesso em 13 de Janeiro de 2016.

LAPOUJADE, D. William James: empirisme et pragmatisme. Paris: Lês empêcheurs de penser en rond, 1997. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S198402922013000200005&script=sci_arttext>. Acesso em 13 de janeiro de 2016.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 1998.

Segundo Caderno de Educação Popular em Saúde, **Ministério da Saúde**, Brasília, 1ª Edição, 2014.

SOUZA, A. C. et al. A educação em saúde com grupos na comunidade: Uma estratégia facilitadora da promoção da saúde. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. Vol. 26, n. 2, ago. 2005. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/4547> >. Acesso em: 23 set 2015.

VASCONCELOS, E. M; CRUZ, P. J. S. C. et al. **Educação Popular na formação universitária. Reflexões com base em uma experiência**. Editora Universitária UFPB, p. 310, 2013.

VIEIRA, M; JESÚS, S. F. Educação de jovens e adultos: ensinar e aprender sob a perspectiva de Paulo Freire. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 13, n. 2, p. 152-160.

Construção de uma História Coletiva

Cirandeiros: Jéssica, Andressa, Daiane Gamarra, Paulo Roberto, Paulo dos Santos, Maristela

A proposta do espaço foi a construção da história coletiva a partir de um início pronto inspirado nas tirinhas do Armandinho:

“Armandinho é um menino de mais ou menos seis anos que vive com seus pais, vai à escola, tem um sapo de estimação, adora brincar com seus amigos, não suportainjustiças, odeia que poluem o meio ambiente e acredita em utopias...”

Logo, nós, cirandeiros demos continuidade à essa história permitindo que aparecesse na ciranda a construção de novas histórias a partir da imaginação e de desejos. Percebeu-se que o significado da palavra utopia fez alguns dos cirandeiros pensar e cada um expressou o que ela significava para si:

A cadeia e a convivência com os sapos

Armandinho é um menino de mais ou menos 6 anos que vive com seus pais, vai à escola, tem um sapo de estimação, adora brincar com seus amigos, não suporta injustiças, odeia que poluem o meio ambiente e acredita em utopias...

Certo dia o sapinho pegou ele, pois era um menino maluquinho e o sonho dele era ser um cantor e virar um jogador da Vida, viajou o mundo inteiro como goleiro junto com o sapo.

Só que um dia ele brigou com o sapo, porque o sapo não lavou o pé e tem chulé. Armandinho colocou o sapo de castigo após 12 anos de convivência. O sapo ficou pulando para sair do castigo e foi direto para a lagoa junto com os companheiros dele.

O sapo tinha uma companheira e dessa amizade surgiram vários sapinhos virando a Sapolândia. A família sapo resolveu morar em um castelo na beira da Sapolândia.

Passados 10 anos Armandinho completou 30 anos, casou-se e teve filhos. Em um domingo pegou a canoa com sua família e foi passear na Sapolândia. Quando a canoa passou em frente ao castelo o sapo se escondeu de Armandinho. Ele ficou triste, mas mesmo assim relatou para sua família sobre sua amizade com o sapo que teve na infância dos 6 aos 7 anos.

O filho mais novo do Armandinho falou:

- Ele comeu uma mosca!. Ficando impressionado com a agilidade do sapo.

Até que um dia acaba a água na Sapolândia e os sapos ficaram na seca começando a pular atrás das poças de água, mas não acharam.

Sendo assim, a população da Sapolândia migrou para outra cidade e Armandinho relatou para a TV SAPO toda sua história com a Sapolândia. Quando a reportagem foi divulgada para a TV dos Humanos e as pessoas do mundo inteiro ficaram impressionadas chamando o Armandinho de louco.

Armandinho diz:

- Os Loucos serão os escolhidos!

Após a leitura coletiva da história, foi feita uma cópia para cada cirandeir@ e para deixar no espaço da ciranda.

Exibição do vídeo “Pedras no Caminho”.

Data: 30 de junho de 2015.

Cirandeiros: Gerson Boteleiro, Everton, Julio César, Cristiano Tubaíba, Andressa, Jéssica, Jorge Martins, Lidiane Borges Marques, Réges Lemos.

A proposta foi utilizar o recurso audiovisual como ferramenta para discussão da temática do uso de drogas e a construção de um espaço para conversarmos sobre redução de danos. O vídeo foi passado duas vezes devido a saída e chegada d@s cirandeir@s.

Após a exibição começamos a conversar sobre o que a droga significava para cada um, o que era droga, como reduzir danos, o que fazer em relação ao uso, etc. Muitos cirandeiros e cirandeiros contribuíram para a discussão, e um dos cirandeiros presentes relatou que também frequentava o CAPS ad para tratamento.

Construímos um cartaz com palavras, frases e pensamentos de cada cirandeiro e cada um dos participantes assinaram. Ambientamos o espaço da ciranda com este cartaz. A maioria dos cirandeiros e cirandeiros presentes gostaram da utilização do vídeo/filme e sugeriram a realização de um dia de cinema no Consultório na Rua.



Vídeo Rima das Ruas CORAP

Data: 07 de julho de 2015

Cirandeiros: Jader, Adriano, Marcelo, Everton, Jaime, André, Douglas, Franciele, Juliane, Andressa, Jéssica.

Utilizamos o recurso audiovisual com o vídeo “Rima das Ruas- CORAP” que aborda a cultura presente nas ruas do município de Santa Maria- RS como movimento Hip Hop e a batalha de rimas realizada na praça dos bombeiros.

Após a exibição a discussão voltou-se para o movimento do Hip Hop e uso de drogas. Alguns cirandeiros trouxeram que o uso da maconha auxilia na fissura do crack, pois ela relaxa, faz descansar e deixa com fome.

Começamos a construção da rima coletiva, mas o grupo dizia estar sem inspiração, e o espaço aconteceu na forma de trocas sobre gostos músicas e propostas para outros encontros, como a história da capoeira, sugestão de filmes e músicas.

O que construímos na escrita de uma possível rima foi exposto no espaço do consultório na rua no dia 14 de julho de 2015.

*“ Nessa manhã de chuva tamo aqui reunido,
Chega aí, vamo chamar os amigo
Eu tô com minha cabeça vazia hoje
Sem muitas ideias
Solta uma ideia aê!
Vamos fazer rima pra cantar um Rap
Na cidade de Porto Alegre.”*

Sarau com poesias, músicas, dança, escuta e afetações.

Data: 14 de julho de 2015

Cirandeiros: Yumna (Estudante de psicologia de Moçambique), Lucas, Deivid, Moisés, Rhayza (Enfermeira residente em Saúde Mental- UPE), Andressa, Jéssica, Everton, Elvira, Jocelaine.

Construímos coletivamente o varal com poesias e imagens inspiradas nas temáticas sobre sociedade, mulheres, opressão, saúde mental coletiva, singularidades e outros temas que circundam as nossas vidas.

No primeiro momento da construção do espaço, uma cirandeira veio até nós interessando-se pela organização das poesias que iriam para o varal, escolheu uma delas solicitando a leitura:

Janela sobre uma Mulher

Essa mulher é uma casa secreta.

Em seus cantos, guarda vozes e esconde fantasmas.

Nas noites de inverno, jorra fumaça.

Que entra nela, dizem, não sai nunca mais.

Eu atravesso o fosso profundo que a rodeia. Nessa casa serei habitado.

*Nela me espera o vinho que me beberá. Muito suavemente bato na porta,
e espero*

Eduardo Galeano

Após a leitura, a cirandeira desejou levar a poesia consigo.

Ambientamos o espaço com livros, jornais, revistas, músicas diversas, incenso *chama violeta*, sombrinha de frevo... Isso despertou a atenção de alguns cirandeiros que voltaram seus olhares para esse espaço, lendo e folheando os materiais.

Durante o sarau alguns pegaram poesias e leram coletivamente despertando reflexões e discussões no grupo. Aconteceram diversas escutas, as quais permitiram que histórias e trajetórias de vida surgissem, fortalecendo o vínculo que vem sendo construído a partir de cada encontro nesse serviço.

Além disso, a ciranda foi composta por expressão corporal em forma de dança, por um cirandeiro que, preocupado com a consulta, teve sua participação com o sorriso no rosto e ginga no corpo, mesmo com o seu pé lesionado.

“Um passo à frente e você não está no mesmo lugar.”

Chico Sciense

Construção cartaz e caderno da “Ciranda Na Rua”.

Data: 21 de julho de 2015

Cirandeiros: Cícero, Andressa, Jéssica, Lucas, Deivid, Pedro Henrique, José Mauro, Lutmara, Catarina, Adriano.

Com a ideia de construirmos um cartaz/faixa e um caderno para guardar os relatos do espaço da “Ciranda Na Rua”, ambientamos o espaço com tecidos de chita, tintas, pincéis, revistas, jornais, cola, canetas, tesouras, músicas e incensos. Uma cirandeira que ali estava contribui com bergamotas para a Ciranda.

Recortamos frases, imagens, palavras das revistas e dos jornais e decoramos com chita o nosso caderno de relatos. Frases e palavras apareceram como “Vivo nas Ruas”, “Diálogo com a população”, “Liberdade, Fraternidade e Igualdade”, “Sem casa”, etc. Um cirandeiro pintou e escreveu uma frase no caderno (“Um sonho: a base do que não pode ser esperado”).

Outro cirandeiro escreveu letras na faixa para depois pintá-las com tinta branca. Uma mulher que estava na sala de espera junto com seu filho interessou-se pelo espaço e pelo nosso trabalho, aproximou-se e começou a conversar com todos os cirandeiros. Esta “Ciranda na Rua” transformou-se em uma manhã de criação, construção e trocas entre os cirandeiros e cirandeiras.



Continuação confecção cartaz “Ciranda Na Rua”

Data: 28 de julho de 2015

Cirandeiros: Jaime, Andres, Anderson, Fabiano, Paulo dos Santos, Lucas, “Alemão”, Cícero, Andressa e Jéssica.

Dando continuidade ao cartaz do espaço da “Ciranda na Rua”, convocamos as pessoas que estavam na sala de espera para pintar a faixa, ao som de música livre no rádio e incenso. Durante a atividade surgiram assuntos relacionados ao uso de drogas, passagens pelas cidades e viagens vividas pelos cirandeiros.

Ao longo da Ciranda foram se aproximando mais cirandeiros, contribuindo para a pintura da faixa. Um deles ficou procurando uma estação no rádio e logo se aproximou da Ciranda.

Conversas e temáticas foram surgindo ao longo do espaço abrangendo desde relações amorosas, o casamento, o papel da mulher e do homem na sociedade, questões de sexualidade, etc. Combinamos para aprofundarmos melhor essas temáticas na próxima Ciranda na Rua e convocamos todos que estavam ali para estar presente e participar.

“Escrevo para aquelas mulheres que não falam, pelas que não tem voz pois estão muito aterrorizadas, por que se ensina a respeitar o medo mais do que a nós mesmas. Ensinaram-nos que o silêncio nos salvaria, mas não o faremos”.

(Audre Lorde, feminista negra, lésbica e poeta)

Jogo de cartas, bolhas de sabão, sexualidade

Data: 11 de Agosto de 2015

Cirandeiros: Paulo dos Santos, Diego, Jorge, Jaime, Andressa, Jéssica

A proposta do dia seria continuar com o tema da semana passada (Mulheres, feminismo, igualdade), mas pela falta do aparelho de projeção não conseguimos dar continuidade ficando para a próxima ciranda.

Então, surgiu a ideia de jogar cartas e fomos até o centro da cidade, comprar junto com um dos cirandeiros, o baralho e bolhas de sabão. Em nossa ciranda jogamos "Pife", surgindo várias conversas e assuntos a respeito da sexualidade, opção de relacionamentos, preconceitos e outros.

Hoje foi um dia com muitas bolhas de sabão e novos cirandeiros se aproximaram para conhecer esse espaço, mostrando seus talentos através da música, finalizando mais um dia da Ciranda na Rua.



Ida aos espaços culturais e públicos da cidade.

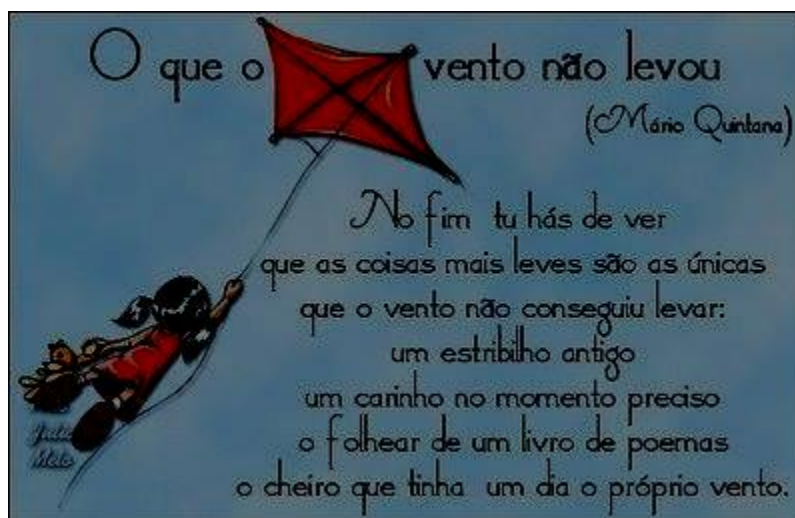
Data: 25 de Agosto de 2015

Cirandeiros: Andressa, Everton, Jéssica, Jader, Adriano, Edson, Douglas, Fabiano.

Nesta manhã, sem saber se era de sol ou chuva, nos reunimos na sala de espera do Consultório na Rua com algumas pessoas que ali estavam e lançamos a proposta de que a Ciranda seria realizada nos espaços públicos e culturais do centro da cidade. Alguns cirandeiros deram sugestões de locais para a visitaçãõ como a Casa de Cultura Mário Quintana, Museus do Exército e da Marinha, Museu de Artes do Rio Grande do Sul (MARGS), Centro Cultural Érico Veríssimo e a Igreja Nossa Senhora das Dores.

Às nove horas da manhã fomos até o MARGS, mas ele estava fechado, abrindo apenas às dez horas. Então fomos para a Casa de Cultura Mário Quintana (CCMQ) e começamos a explorar os andares e espaços do lugar. Os cirandeiros ajudaram na visitaçãõ sugerindo locais, bibliotecas, jardim, jogos, etc.

Alguns assuntos surgiram no meio do percurso, como passado, memória, infância, vida, sentimentos e amizade. No final dessa Ciranda na Rua, saindo da CCMQ, um dos cirandeiros nos convida para irmos até a Igreja Nossa Senhora das Dores, dizendo que nunca havia entrado lá.



Mural Boca de Rua

Data: 01 de Setembro de 2015

Cirandeiros: Cícero, Denise, Paulo dos Santos, Mauro, Pedro, Lutmara...

Hoje a Ciranda na Rua tinha a proposta de dar continuidade ao tema do encontro passado: Ida aos espaços culturais e públicos da cidade. Porém, um cirandeiro chegou ao serviço do Consultório na Rua com a proposta de construir um espaço físico e material para o jornal do Boca de Rua.

As ideias foram surgindo e o espaço foi tomando forma através do inesperado, com cada cirandeiro contribuindo a partir dos seus saberes, habilidades e o desejo de ajudar e aprender com o outro.

Durante a construção do mural surgiram conversas e assuntos cotidianos, como religião, relacionamentos e suas singularidades.

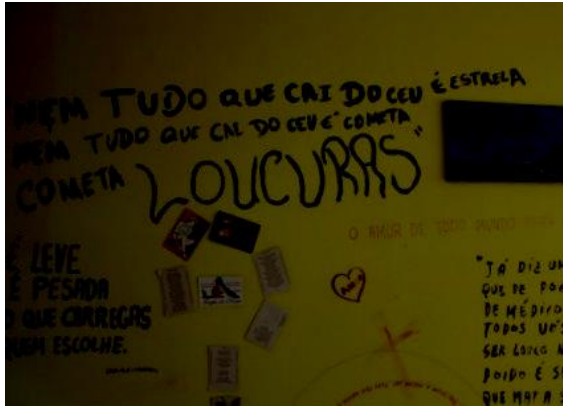
Um dos cirandeiros relatou que as Cirandas na Rua têm feito sentido em sua vida e na de outros participantes, pois disse que a discussão em relação ao lugar da mulher em nossa sociedade repercutiu em outros espaços de seu convívio social.



Apresentação do Ocupa Nise 2015

Data: 15 de Setembro de 2015

Cirandeiros: Jéssica, Andressa, Paulo dos Santos, Odilon Amaral, Natália, André, Raian, Pedro Henrique, Leo Sosa.



A Ciranda de hoje se constituiu em um espaço para conversar e trocar sobre as experiências vividas no evento chamado Ocupa Nise, localizado no Hospital Psiquiátrico Dom Pedro II no bairro do Engenho de Dentro, na cidade do Rio de Janeiro/RJ.

O Ocupa Nise é um lugar onde saúde mental, arte e cultura encontram-se a partir da linguagem do teatro, da dança, do palhaço, do poeta, da música, das crenças e espiritualidades. Um lugar onde todos os sujeitos são atores da vida e do cotidiano.

Iniciamos com uma ciranda explicando o que era e o lugar em que acontecia o evento, cantando músicas que conhecemos lá:

“Ô marinheiro, é hora, é hora de trabalhar... Ô marinheiro, é hora, é hora de trabalhar...”

“É o céu, é a terra, é o ar... Ô marinheiro olha o balanço do mar! É o céu, é a terra, é o ar... Ô marinheiro olha o balanço do mar!”

“Para mudar o mundo o amor de todo mundo... O amor de todo mundo para mudar o mundo...”

“Saúdo a força da água, com tudo que ela nos traz.... Salve o PRAZER, a CRIATIVIDADE, FLEXIBILIDADE, PRA VIVER BEM MAIS!”

Apresentamos vídeos e imagens sobre o Ocupa Nise que registramos lá. A medida em que a Ciranda Na Rua ia acontecendo vários cirandeiros iam se aproximando.

Surgiram questionamentos e dúvidas em relação às pessoas que circulavam por aquele espaço, sendo pacientes internos do hospital ou mesmo quem estava conhecendo, como elas se expressavam e viviam aquele momento.

Encontro Inesperado: Cuidar de mim é cuidar do outro, cuidar do outro é cuidar de mim!

Data: 17 de Setembro de 2015

Cirandeiros: Lucas, Raul Sona, Arno, Andressa, Jéssica.

O inesperado aconteceu em uma tarde de quinta-feira, pois encontramos um cirandeiro na sala de espera que há alguns dias estava sem aparecer no Consultório na Rua. Falou sobre a importância da nossa escuta, o que produzia em seu cotidiano, que iria continuar ajudando na criação da Ciranda Na Rua e que o nosso espaço complementava a cena do serviço.

A partir disso, quis escrever algumas frases e pensamentos em cartazes. Essas estavam relacionadas com a viagem até a casa de sua mãe e com músicas que gosta.

Quando a escrita começa outros cirandeiros se aproximam e ajudam a compor com frases e pensamentos. Ambientamos o espaço com incenso, música, tintas e chitas.

Essa Ciranda Na Rua partiu do inesperado e do encontro com o outro, sendo uma troca compartilhada de cuidado.

“Endosso tua palavra.
Escuto teu sentimento.
Sinto um ser em movimento.
Esqueci quem era eu.
Me olvidei de onde vim
para ser um outro em ti.
Assim posso te acolher
e contigo também eu
sublimar a minha prática.
Acho que te compreendo
em saber me transformando
mais humanos nos tornamos.
Clínica, terapia, ser cuidado; pelas
singularidades reconhecidas nos papéis
que assumimos, construímos nossos vínculos”.
(Há tempo ainda, Ray Lima).

Leitura e comunicação.

Data: 22 de Setembro de 2015

Cirandeiros: Odilon, Lutmar, João, Carlos Alberto, Dirlei, Andressa, Jéssica.

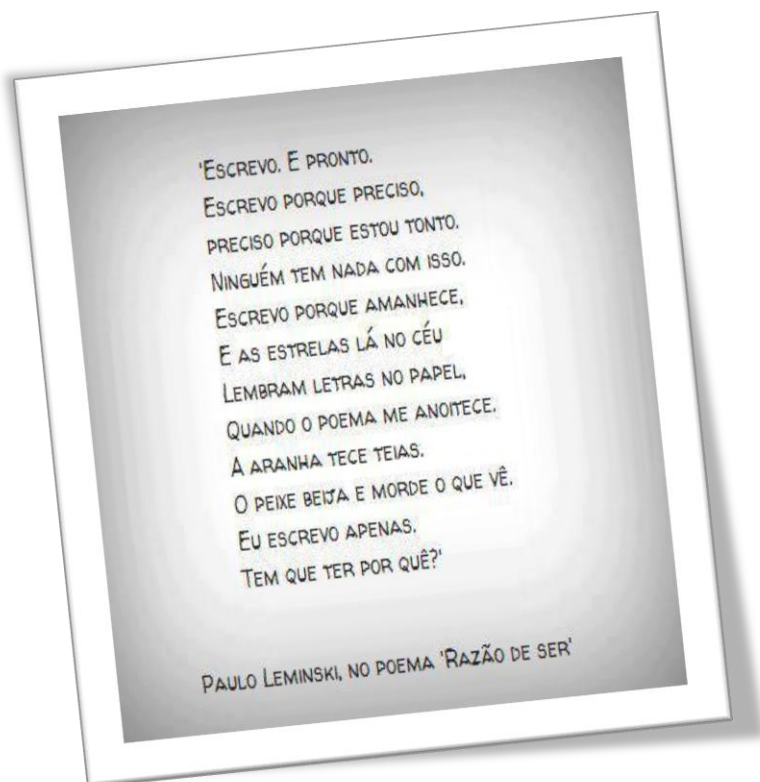
Iniciamos a Ciranda na Rua abordando sobre livros importantes em nossas vidas. Alguns cirandeiros trouxeram títulos e temáticas, como: Falcão - Meninos do tráfico, anarquismo, comunismo e outros.

A partir da exibição do curta metragem *“Meu amigo Nietzsche”*, disparou-se a conversa sobre a importância e o significado da leitura de livros em nosso cotidiano. Algumas cenas do curta foram significativas para os cirandeiros.

Uma delas foi a de um catador de lixo traduzindo o título do livro para o menino que procurava o sentido das palavras e dos textos que lia.

Durante nossas conversas surgiram o quanto a leitura pode influenciar em nosso dia a dia, seja para adquirir conhecimentos como para possibilitar a escrita de novas histórias.

Fortalecemos a ideia de que esse espaço da Ciranda na Rua é um lugar para trocas sociais e coletivas, onde um aprende com outro. Os cirandeiros trouxeram que o uso de recursos audiovisuais são atrativos e vinculam olhares.



DivertidaMente

Data: 29 de Setembro de 2015

Cirandeiros: Cícero, Jader, Paulos dos Santos, Mariano, Dirlei, Jéssica, Andressa

A Ciranda de hoje foi de cinema com a exibição do filme “DivertidaMente”, e direito a pipocas e confetes de chocolate.

O filme é uma animação que trata de uma menina divertida de 11 anos de idade que deve enfrentar mudanças importantes em sua vida quando seus pais decidem deixar a sua cidade natal, no centro dos Estados Unidos, para viver em São Francisco. Dentro de sua mente, convivem várias emoções diferentes, como a Alegria, o Medo, a Raiva, a Repulsa e a Tristeza.

Embora esses sentimentos sejam normalmente organizados, sendo responsáveis pelo equilíbrio e funcionamento de suas ilhas da personalidade (Família, Amizade, Esporte, Diversão, etc.), sua chegada a um novo lugar faz com que todos se misturem e percebam que precisam um do outro.

Durante o filme um cirandeiro lembrou várias cenas de tristezas e alegrias de sua vida. Outro escreveu um texto sobre a Ilha do Amor e outro quis só curtir o filme.



Porto Alegre, 29 de setembro de 2015.

Ilha do amor

Era uma vez uma ilha que se chama ilha do amor, onde se juntavam todos os sentimentos, o amor, a tristeza, a vaidade e alegria e outros sentimentos. Todos os dias o amor subia o morro mais alto para conversar com Deus e, um dia Deus disse para o amor que sua ilha ia se inundar e que começassem a construir cada um seu barco, e desceu o amor e falou para os sentimentos o que ia acontecer.

Então cada um começou a construir seu barco, e o amor ficou tão chocado que não fez o seu barco e a ilha começou a se inundar. Cada um dos sentimentos subiu no seu barco e o amor como não fez o seu barco pediu carona para a vaidade, e a vaidade disse : - Não posso te levar, você tá molhado e vai sujar meu barco.

E pediu para a alegria, e ela disse: - estou tão alegre que não posso te levar! E pediu para todos os sentimentos e ninguém quis levar. E então o amor começou a se afogar e veio um velho senhor em um velho barco e levou o amor no outro morro mais alto onde estavam todos os sentimentos, então a alegria perguntou ao amor quem era aquele velho senhor.

O amor respondeu:

- Eu fiquei tão contente que nem perguntei o nome daquele velho senhor, mas sei que só o tempo pode amparar o amor.

Mariano Ferreira Soares

Construção da Caixa de Leitura

Data: 03 de Novembro de 2015

Cirandeiros: Paulo dos Santos, Andressa, Cícero, William, Cássia, Catarina

A proposta desta Ciranda na Rua foi fazer os acabamentos que faltaram na construção da caixa, como passar o verniz e preparar o espaço que a caixa ficaria. Os cirandeiros se envolveram na escolha do lugar e na construção de frases e poesias para tornar a ideia acolhedora. Alguns trouxeram doações de livros e revistas para a caixa, estimulando a colaboração de outras pessoas que estavam em volta.

“Ler ajuda a entender
Ler ajuda a imaginar
Ler ajuda a pensar
E também a Amar”.

“É tão bonito ler, também é tão bonito deixar o livro para o próximo”.

“Somos o resultado das viagens que fazemos
Dos livros que lemos

E das pessoas que amamos”

Sérgio Vaz



Assembleia e Mural Boca de Rua

Data: 10 de Novembro de 2015

Cirandeiros: Paulo dos Santos, Andressa, Cícero, Miriam, Soraya, Jéssica,
Pedro Henrique

Hoje a Ciranda na Rua teve uma metodologia diferente devido aos acontecimentos que envolveram a caixa de leituras. Ainda na semana anterior a caixa foi encontrada no chão deste serviço jogada sobre dejetos humanos.

Diante do acontecido convocamos uma Assembleia para pensarmos juntos quais encaminhamentos seriam dados em relação a caixa. Uma cirandeira trouxe em sua fala a questão de repensar o local que a caixa poderia ficar e, também, ao desafio de trabalhar com a população em situação de rua, afirmando que não é possível desistir na primeira tentativa.

Os cirandeiros presentes concordaram em repensar o lugar no espaço da sala de espera da caixa e fizemos a mudança. Outros já trouxeram novos livros e cartilhas para a composição dela.

Atualizamos, também, o espaço do Mural do Boca de Rua relativo à nova cópia impressa, em comemoração aos 15 anos do jornal.

“Ainda há tempo”. Criolo Doido



Semana de Combate ao HIV/ AIDS na Praça da Alfândega, Porto Alegre.

Data: 01 de Dezembro de 2015

Cirandeiros: Andressa, Jéssica, Pedro, Léo, Dilnei, Lucas.

Na ciranda de hoje surgiu a proposta de visitar o espaço da campanha de prevenção ao HIV/ AIDS, localizado na Praça da Alfândega no Centro de Porto Alegre. O evento abordava questões do estigma, teste rápido, relatos de pessoas que convivem portando o vírus e conseguem levar a vida.

Enquanto estávamos na praça um dos cirandeiros passou por nós, permitindo o reencontro através do inesperado.

“ Assim como o sol, que clareia o dia
E aquece o pivete que dorme na rua
Que passou a madrugada em claro a luz da lua
Se situa que o que ofereço é muito bom
Força e poder dom através do som
Negô, vem com nós mais vem de coração
Por paixão, por amor não pela emoção firmão
Pra ser função tem que ser original
Apresentando e tal mais um irmão leal...”

Eu sou função- Dexter

Construindo o Mural da Persistência

Data: 26 de Janeiro de 2016

Cirandeiros: Jéssica, Diunei, Paulo dos Santos, Ewerton, Pedro, Léo Sosa

Após chegar no Consultório na Rua e não encontrar nossas Artes nas paredes, pensamos em fazer um Mural de fotos com imagens das Cirandas e retomar o colorido na Sala de espera.

Na ciranda passada, 19 de janeiro, fomos em lojas de tecido junto com um cirandeiro comprar o tecido de Chita para ser a base de nosso mural, nesse percurso diversas conversas surgiram, inclusive perspectivas de futuro dos cirandeiros.

Hoje, trouxemos os materiais para construir o mural e marcar nosso último encontro. Fizemos Móviles com os Origamis que fizemos em uma Ciranda, organizamos cada foto em moldura de papel, escrevemos o nome da ciranda...Tudo isso com uma grande circulação de pessoas que passavam ali. Os colegas do projeto “Se essa rua fosse minha” também participaram de mais esse encontro. Um dos cirandeiros demonstrava sentir a nossa despedida, lembrando a cada instante que nosso último dia naquele ambiente seria na quinta-feira.

Conseguimos construir o mural e fazer a finalização dessa ciranda, reforçando que esta Ciranda estará sempre em movimento e que esses Cirandeiros podem seguir movimentando essa roda, pois nós fomos apenas Cirandeiros que estão saindo dessa roda para compor outras, seguindo o movimento...



